

Dor maternal. — Composição e desenho de Nogueira da Silva — Gravura de Coelho.

A mais verdadeira e profunda das dores que penetram o coração de uma mulher, pretendeu figurar o lapis n'este pequeno e simples quadro, que o amestrado buril de Coelho tão habilmente relevou na madeira.

Pequeno e simples quadro, dizemos, e, não obstante, que vasta grandeza e complicada composição lhe não encontra a sciencia, ao mesmo tempo mysteriosa e clara, ao mesmo tempo inspirada e natural, ao mesmo tempo divina e humana, do sentimento?

Que gigantesco não parece aquelle pequeno quadro aos nossos olhos, que grandioso se não apresenta aquelle simples assumpto á nossa alma, quando uns e outra, seguindo os traços contrahidos d'aquella expressão angustiosa, nos levam o coração ao abysmo onde o coração d'aquella mulher está mergulhado?

Oh! alli não estão só uns olhos que choram, umas faces cavadas, uns labios contrahidos, um corpo immovel.

Está mais, muito mais do que isso.

N'aquelle limitado espaço, move-se um turbilhão infinito de sensações; n'aquellas duas simples figuras estão os dois extremos, tão proximos quanto afastados, da essencia e da acção da vida humana.

N'aquella mulher silenciosa e quieta, está a vida na sua maior e mais laboriosa actividade, no seu maior e mais agudo estimulo, na mais bella e fecunda das suas cogitações; n'aquella criança fria e inanimada está o termo final de toda essa labutação.

No interior d'aquelle peito, que um chale occulta, mas que o rosto revela, debate-se um mar d'agonias, e, victima da horrivel tempestade, debalde um coração implora salvamento, porque a bonança da vida d'aquella mãe era a vida d'aquelle filho, que nunca mais tornará a prometter-lhe, em sorrisos d'amor e candura, um futuro de felicidades.

Dentro d'aquella cabeça amparada pelos braços, como não podendo com o peso enorme de tantas e tão amarguradas reflexões, está o raciocinio na mais pathetica das suas luctas: passa-se ahi o verdadeiro drama do sentimento e do amor maternal.

O espirito prova, n'este momento, a sublimidade da sua essencia, revoltando-se contra o desengano fatal das leis materiaes da natureza.

O alcance da sua penetração alarga-se e estende-se ao infinito, e o impossivel desfaz-se, de vez em quando, ao calor ardente d'esta suprema exaltação.

Para a descrença, ha a crença; para a realidade, a illusão; para o desengano, a esperança; para a impotencia humana, o poder divino.

Bem sabe aquella mãe que a morte é certa e não respeita a infancia, e, não obstante, tanto, tanto lhe custa acreditar agora que seu filho esteja morto!

Na expressão do seu rosto não desponta ainda um desengano total.

Debate-se alli uma duvida; fluctua alli uma esperança.

Mas que duvida, mas que esperança!

Duvida e esperança de fumo, que se desfaz ao mais leve sopro da razão; e, no entanto, a duvida mais tenaz, a esperança mais crente!

Deus é grande: póde, querendo, obrar um milagre: os olhos d'alma estão fitos n'elle, e os do corpo,

fixos e attentos no cadaver, esperam por um movimento, por uma respiração.

Mas o cadaver não se move, mas o cadaver não respira, mas a alma.... desengana-se?...

Ainda não, ainda não...

Ai! mulher, tens razão.

Talvez perdesses o unico objecto que te restava para alimentar o teu amor.

Talvez que esse filho fosse toda a tua fortuna, e a unica alegria de teu coração.

Tens razão.

Horrorisa-te a profunda e completa solidão em que vas ficar.

Aperta-te a saudade d'esses beijos sinceros que os puros labios d'essa criança te davam; dos abraços innocentes com que ella te affagava o seio; do angelico olhar com que te embriagava os olhos.

Tens razão.

A chaga que a ingratidão profunda, cicatriza-a o tempo; mas aquella que a perda de um filho abre no coração de uma mãe, essa, só a morte cura.

A mulher, ou o amor, (porque são ambos o mesmo) é assim.

A vida passa a ser uma lucta constante entre o espirito, que a cada momento anceia por ir procurar no ceo a luz que perdeu, e o corpo que só lentamente se ha de finar.

D'esta lucta tremenda, debalde, mulher, pretendes afastar-te.

Eil-a que se aproxima...

Momento terrivel accusam aquellas duas lagrimas, que repentinamente saltam das palpebras.

Não tarda o pranto, não tarda o delirio, não tarda....

A loucura?

O lapis não nol-o diz.

NOGUEIRA DA SILVA.

A UTOPIA DE THOMAZ MORUS.

A vida de Thomaz Morus pertence á historia da Inglaterra, e ás luctas religiosas do XVI seculo.

Ponhamos agora de parte o papel que o chanceller inglez representou, e que, por muitos modos, tem chegado a ser geralmente conhecido. Consignemos apenas algumas linhas ao exame breve do reformador social, ainda que seja preciso dizer que elle foi mais sonhador que reformador, quando nem seus costumes, nem seu procedimento se conformavam com os principios de tolerancia e egualdade que puzera na sua *Utopia;* sem que por isso merecesse que a aristocracia ingleza lhe perdoasse ter escripto similhante livro, e que a liga dos interesses, escondida por detraz da lucta das crenças religiosas, o não fizesse morrer no cadafalso.

Quando se vê o illustre chanceller aferrolhado na abbadia de Westminster, encarcerado depois na Torre de Londres, privado dos seus direitos de cidadão, despojado dos seus bens, escrever a sua filha Margarida com um bocado de carvão, tem-se piedade dolorosa e ironica das grandezas humanas!

Na prisão se distrahia Morus escrevendo um pequeno livro intitulado *Expositio passionis Christi.* N'elle acabava de escrever aquellas palavras *Injecerunt manum in Jesum* (lançaram mãos sobre Jesus), quando vieram tomal-o para o conduzir ao supplicio.

Eram nove horas da manhã. O condemnado é levado á plataforma da Torre, onde tinham levantado o cadafalso durante a noite. A vista do nobre velho causa aos raros assistentes uma emoção dolorosa. A barba estava crescida, e em desalinho; pallidez excessiva lhe dava ao rosto caracter inexplicavel. Com olhos levantados para o ceo, caminhava lentamente, com uma cruz de madeira vermelha nas mãos. Por unica vestimenta uma tunica de burel, extremamente grosseiro, o fazia mais similhante a Jesus Christo. A respeito d'esta scena é digna de ver-se a *Historia de Thomaz Morus,* por Stapleton. Ao deixar a prisão, uma mulher, banhada em lagrimas, lhe saiu ao encontro, e lhe offereceu vinho para o fortalecer. Morus arredou brandamente o copo: — «Não foi vinho, foi vinagre que Jesus Christo bebeu sobre o Calvario.»

Chegado ao logar da execução, pediu a um dos ajudantes do algoz o auxiliasse a subir os degráos do cadafalso, dizendo-lhe: — «Ajuda-me a subir, meu amigo, que para descer não importunarei ninguem.» Chegado acima do supplicio, quiz fallar á multidão; mas um dos officiaes se lhe oppoz. Resignou-se ao silencio.

Ao carrasco que, segundo o costume, lhe pedia perdão, offereceu o osculo da paz e da caridade.— «Tu vas prestar-me hoje, lhe diz, o maior serviço que nunca recebi de nenhum homem; o que me pêza é ter o pescoço tão curto, e temer por isso, que não possas desempenhar este trabalho de modo que te faça honra.»

O algoz queria cobrir com um véo a cabeça da victima. Morus recusou: — «Eu mesmo me cobrirei» lhe disse. Vendando-se immediatamente os olhos, inclinou a cabeça sobre o cepo fatal, e a cabeça decepada caiu!

Henrique VIII jogava aos dados quando lhe participaram aquella sanguinolenta execução. Lançando então olhar cheio de perturbação e de colera sobre a concubina sentada a seu lado, lhe disse: — «Sois vós a causa da morte d'esse homem!» — Fraqueza até nos remorsos! Henrique VIII, como muitos, como todos, falta-lhes a coragem de se accusarem a si proprios, e por isso sobre os criados, sobre os complices de seus prazeres é que vomitam o veneno da sua consciencia!

O ex-chanceller de Inglaterra estava persuadido que com a sua morte confessava Jesus Christo. Enganava-se, porém, se suppunha o Evangelho invencivelmente ligado aos interesses materiaes da egreja e do papado: não se enganava, se, morrendo mais pela sua fé social, do que pela sua fé religiosa, tinha no pensamento estas palavras dos *Actos,* de que a *Utopia* só é consagração: — «Todos aquelles que criam eram eguaes, e tinham todas as cousas em commum. Vendiam suas possessões e seus bens, e os distribuiam a todos os seus, conforme as necessidades de cada um.»

A *Utopia* de Thomaz Morus é o ideal d'uma sociedade, para a qual não havia logar sobre a terra no tempo do auctor; para a qual inda o não ha hoje; para a qual não o haverá talvez nunca; porque é mais um sonho da edade de ouro, do que um verdadeiro systema de organisação social. Mas em quanto nas instituições humanas houver obstaculos, que se opponham ao bem estar de todos; em quanto houver no mundo, já não dizemos soffrimentos, mas miserias; nunca se poderá impedir que corações tocados pela paixão da justiça, imaginações ternas e sensiveis, procurem n'outra parte, até nas illusões, uma diversão aos males, mui reaes, que dessolam as sociedades politicas. Todas estas theorias são miragens, que testimunham a seccura e aridez do deserto.

Como todos os innovadores, Morus gemia, não sem rir, pela incuravel doença d'estes homens graves, que imaginam conservar as instituições immobilisando-as. — «Entrincheiram-se, diz elle, n'este logar commum: *Assim fizeram e pensaram nossos paes, e prouvesse a Deus, que nós egualassemos a sabedoria d'elles!* Depois sentam-se empertigando-se como se

acabassem de pronunciar um oraculo. Dir-se-hia, ouvindo-os, que a sociedade acabaria, se apparecesse homem mais sabio que os seus antepassados!» Conservadores da sciencia, da sociedade, seja do que for, são sempre os mesmos!

Na *Utopia* propunha-se Morus duas cousas: criticar a sociedade do seu tempo, e substituir-lhe uma melhor. Ataca principalmente o systema penitenciario, que, depois d'elle, se adoçou, mas não modificou. — «Nisto, diz elle, a justiça de Inglaterra, e de muitos outros paizes, parece-se com aquelles máos mestres, que tem mais cuidado em castigar os discipulos, do que em instruil-os. São horriveis os tormentos que faz padecer aos ladrões! Não fôra melhor assegurar a existencia a todos os membros da sociedade, para que ninguem se achasse a principio na necessidade de roubar, e depois na de ser punido? Milhões de filhos são abandonados ás destruições de uma educação viciosa e immoral.... Que fazem com isto? Ladrões e assassinos, para terem o prazer de os enforcar!»

Em materia de delictos Morus sustentava, como os modernos criminalistas, que é melhor prevenir, que reprimir. — Sim, mas por que meio? — dizem reaccionarios ou conservadores, almas sem aspirações, espiritos sem recursos. O meio de Thomaz Morus era — «que a sociedade fosse organisada de modo, que garantisse a cada um egual porção de bens.»

O que gera no velho chanceller, como outr'ora em Socrates, esta opinião sobre a egualdade dos bens, elle mesmo nos diz que é o espectaculo d'um estado de cousas — «em que a fortuna publica é presa d'um punhado de individuos insaciaveis de gozos, ao passo que a massa é devorada pela miseria.»

Sonhava com o communismo. Mais uma vez se vê que elle nunca apparece sobre a sociedade, senão em epochas de perturbação e de infortunio, em que o sentimento dos padecimentos publicos, tornado intoleravel, só acha remedio ás instituições do mundo antigo no derrocamento ou na reconstituição da propriedade.

Antes de chegar ao termo do seu systema, Morus examina o valor das providencias intermediarias, que se propõe em tal caso para reformar os abusos. — «Sei, diz elle, que ha remedios que podem attenuar o mal, mas são remedios inefficazes para cural-o. Por exemplo: — decretar um *maximum* de possessão individual em terras e em dinheiro: — procurar em leis vigorosas escudo contra o despotismo e anarchia: — ferir e castigar a ambição e a intriga: — não vender as magistraturas: — supprimir o fausto e a representação nos altos empregos, para que o funccionario não caia na fraude e na rapina para sustentar a sua cathegoria; ou se não vejam na collisão de dar aos mais ricos os cargos, que deviam dar-se aos mais capazes. — Estes meios, repito, são excellentes palliativos, que podem adormecer a dor; mas não esperem dar força e saude ao corpo social, em quanto cada um possuir bens solitaria e absolutamente.»

A abolição da propriedade individual, tal era o remedio que Thomaz Morus, chanceller da Inglaterra, propunha como heroico, como soberano, aos males das antigas sociedades. Os habitantes da *Utopia*, (ideal da perfeição futura) consideravam-se mais como rendeiros, do que como proprietarios do solo. Para aniquilar até a idéa da propriedade individual, mudavam de casa todos os dez annos, e tiravam á sorte a que lhes devia tocar.

D'aqui é que os utopistas adoptaram o regimen commum, seguindo Thomaz Morus, que julgou que este regimen favorecia, mais que qualquer outro, o desenvolvimento do bem estar, interessando todas as forças na producção da riqueza publica. — «Vós o comprehendereis facilmente, diz Morus, se reflectirdes no grande numero de gente ociosa que ha nas outras nações. Primeiramente quasi todas as mulheres, que compõem metade da população; e a maior parte dos homens onde succede que as mulheres trabalham. Depois a multidão de padres e religiosos mandriões. Juntae-lhes todos os ricos proprietarios, a quem vulgarmente chamam nobres e senhores: mais as suas cohortes de criados, que são outros tantos velhacos de libré; mais a praga de mendigos robustos e válidos, que escondem a preguiça debaixo de enfermidades fingidas; e achareis, em summa, que o numero dos que pelo seu trabalho próvem ás necessidades do genero humano é muito menor do que imaginaveis.» D'aqui resulta, que seis horas de trabalho diario bastavam na *Utopia*, não só a satisfazer ao consumo publico, mas tambem ao superfluo, e ás commodidades da vida. O resto do tempo consagrava-se ao estudo, ao descanço, á conversação, ás artes.

Entretanto quem quereria ir viver na *Utopia*? Na natureza ha dois termos, que um pelo outro prendem com a lei de todas as creações divinas e humanas; a unidade e a variedade. Da harmonia d'estes dois termos é que resulta ordem na liberdade, e liberdade na ordem. Na republica de Thomaz Morus, como na republica de Platão, sacrifica-se a liberdade. Não ha senão uma cidade, uma casa, e um vestuario: — «A côr da casaca é a mesma para todos os habitantes.... Quem conhece uma cidade conhece-as todas... Todos os edificios e casas se parecem.» Esta monotonia de fórmas e côres corresponde a outra monotonia, não menos absoluta, de costumes, de trabalhos, de condições sociaes.

Todo o erro de Morus parte de ter confundido egualdade com uniformidade, e por isso não alcançou mais que Lycurgo, e mais que Socrates, combinar na republica o elemento associação com o elemento liberdade. Na *Utopia* ha escravos. A mulher serve. Os mesmos homens livres, encadeados ás instituições mechanicas do *fatum* social, só escapam á tyrannia da miseria para cairem na tyrannia da regra.

Aqui está o que era a *Utopia*, que, se sobreleva n'algum encanto o estado das sociedades modernas, tão carregada de abusos e infortunios, é porque o regimen da communidade, como se praticaria n'esta terra nova e chimerica, sempre pela comparação, valeria mais alguma cousa que os males de que o systema contrario cobre desde seculos a face da velha Europa.

ESCULPTURA FRANCEZA.

Na exposição de bellas artes em Paris no findo anno 1857, a parte de esculptura não continha mais que 428 artigos. Collocada em condições difficeis, não são grandes os progressos que esta arte plastica faz no mundo, nem os que d'ella se podem esperar. Se a pintura póde entregar-se a todas as phantasias, a esculptura não é assim. O campo da primeira é illimitado: o da segunda restricto. A pintura não se occupa senão das apparencias: a esculptura deve reproduzir o relêvo dos objectos. Assim quantas cousas, o ceo, as nuvens, a agua limpida, as ondas, a folhagem, as hervas agitadas pelo vento, não são interdictas á imitação da esculptura! Mesmo na figura humana, que feições, que pormenores importantes não deve supprimir! O traço mais significativo da physionomia, o olho, a vista que revela a alma, que é d'elle? Que relação póde haver entre o globo immovel, arredondado pelo cinzel, e o orgão transparente e agitado, em que se retratam as paixões? Não

só a representação do olho se supprime, mas tambem as partes que o circundam devem ser modificadas singularmente; até as palpebras que o abrigam são desprovidas de pestanas.

Pintura e esculptura tem, pouco mais ou menos, o mesmos ponto de partida — a fórma. Se a esculptura a despreza, se a perde de vista, ai d'ella! A pintura, porém, se é inhabil a dal-a em toda a pureza, póde parcialmente sacrifical-a a dois outros modos de expressão, o claro-escuro, e a côr. Esta abundancia de recursos constitue na pintura uma superioridade relativa; mas por isso mesmo que é mais rica, é mais arriscada a perder-se em loucuras. Mais pobre de meios, a esculptura é obrigada a velar incessantemente, e guardar mais austero parecer. Em consequencia da solidariedade das cousas humanas, os máos impulsos, os desvios do gosto, as enfermidades artisticas das epochas de decadencia reflectem sobre ellas; mas, ainda que não vá tão longe na desordem, como a pintura, antes de succumbirem, é a esculptura que resiste mais tempo, e que primeiro se levanta. Além d'isto tem de mais que a pintura (e esta consideração é importante) um ideal de belleza, uma perfeição de fórma requintada, que já no passado attingíra uma elevação, uma pureza de gosto, uma medida tão intelligente, que, depois dos seus desvios, póde sempre retroceder confiadamente, com certeza de reentrar no bom caminho. Este unico e luminoso pharol falta á pintura. Differentes claridades em muitas direcções a seduzem; e em quanto ella se abandona ás mais encontradas correntes, a esculptura continúa a vigilar languidamente junto aos



A Arte Etrusca.

altares dos deuses decaídos. Esta immobilidade relativa é já, só por si, um desfavor em epocha e entre povos excessivamente moveis. N'estas condições adversas, se ha alguma cousa que deva admirar, não é o não se ter attingido no nosso tempo á perfeição da esculptura antiga, mas sim que ainda se esculpture.

A *Arte Etrusca*, pequena estatua em gesso de mr. Simyan, e a *Ariadna*, estatua em marmore por mr. Millet, que as nossas gravuras reproduzem, foram dois dos mais bellos exemplares que appareceram na respectiva secção da ultima exposição de bellas-artes, em Paris.

A *Arte Etrusca* é uma figura de concepção feliz. Apresenta uma disposição de linhas agradaveis, e que se concertam harmoniosamente. É d'uma simplicidade arcáica, empregada sobriamente, e com gosto.

Ariadna é uma estatua encantadora, na sua languida tristeza. Mostra typo um tanto moderno. Mas quem poderá dizer qual foi o verdadeiro typo da belleza feminina grega, no tempo de Theseu?

GALLICISMOS

Para os que prezam a propriedade e correcção da lingua portugueza, compillámos a seguinte relação de alguns gallicismos, que infelizmente por ahi andam em circulação como se fossem ou devessem ser moeda corrente. Quando de infaustas e vergonhosas

traducções já passaram ao discurso original, ou que quer assumir esses ares; se os que aspiram a alcançar aquelle dote de pureza, primeiro entre os primeiros do verdadeiro escriptor, não tomarem serio cuidado no perigo que os fascina, a barbara invasão do neologismo, verdadeira capa de ignorancia e denuncia de preguiça, acabará por fazer da nossa lingua uma perfeita Babel, e extinguir de todo o nome e gloria da litteratura patria.

Os que desejarem mais completa lição do assumpto devem consultar, porque o farão com proveito, o *Glossario das palavras e phrases da lingua franceza, que se tem introduzido na locução portugueza moderna*, pelo cardeal patriarcha S. Luiz; assim como a reflexão 5.ª sobre alguns vocabulos francezes novamente introduzidos, e a nota respectiva dos editores, a pag. 60 e 168 da primeira parte das *Reflexões sobre a lingua portugueza*. Por Francisco José Freire. Tambem merece ver-se um catalogo que veiu no *Portugal*, diario politico, que se publicava no Porto, por



Ariadna

fins do anno de 1856 principios de 1857, sobre gallicismos exemplificados principalmente com logares de escriptores contemporaneos; trabalho que mostrava ser de pessoa curiosa e entendida.

Eis a nossa abbreviada relação:

Abandonado — é gallicismo no sentido de dissoluto, perdido, estragado.

Aberturas — no sentido de primeiras proposições, ou propostas preliminares, que se fazem para qualquer negociação.

Abórdo — em vez de acolhimento.

Abstracção feita — é gallicismo de construcção. Deve dizer-se fazendo abstracção; prescindindo de...

Adiado — no sentido de espaçado, transferido.

Affectado — com a accepção de movido, commovido, tocado d'algum sentimento ou paixão.

Affixar — (a incredulidade, o engenho, etc.) Deve dizer-se fazer gala, fazer timbre, ostentar.

Amparar — por apoderar-se.

Armada — no sentido de exercito de terra, ainda que usado por algum classico antigo, é contrario ao uso geral, e sôa gallicismo.

Ascendente — no sentido de predominio, superioridade, influencia, posto que de origem franceza, póde usar-se, pois tambem se usa na lingua castelhana.

Ataque — no sentido figurado deve-se evitar o immoderado uso d'este vocabulo, e dizer em seu logar: insulto (da inveja), accommettimento (de molestia), assalto (da adversidade), accesso (de febre, de colera).

Aturdido — por estouvado, desattentado, aloucado

Audacioso — é gallicismo, porém admissivel, signi-

ficando ousado, denodado, desenvolto em commetter qualquer empreza.
Avançar — na significação de affirmar ousadamente, sem fundamento.
Bancarrota — é expressão franceza adoptada no commercio. Os antigos diziam com melhor etymologia banco roto, até no figurado (fazer banco roto com Deus).
Barricar — é gallicismo desnecessario, quando temos entrincheirar, atalhar com tranqueira. O mesmo se diz de barricada por trincheira, tranqueira.
Basear — gallicismo, inda que é mais desculpavel que basar, e basar-se.
Bem mais, bem menos — sôa gallicismo. É melhor muito mais, muito menos.
Bonomia — por sinceridade, ingenuidade, singeleza, bondade, simplicidade de animo.
Bordada — na significação de banda de artilheria.
Brusco — no sentido de precipitado, sêcco, sacudidamente.
Cabotagem — é desculpavel, porque tem origem em cabo. Não é assim o verbo cabotar, porque temos o nosso costear, que é classico.
Carnagem — com a significação de carniceria, matança, grande mortandade de gente.
Chefe d'obra — por obra prima, primor d'arte, obra d'exame.
Chicana — por trapaça, alicantina, cavillação, enredo, dolo, fraude.
Chocar — no sentido figurado é melhor combater, contrastar.
Coalição ou *coalizão* — pelo bom portuguez liga, colligação, confederação, colligar-se, confederar-se.
Cocar ou *cocarda* — com a significação de tope, divisa, laço.
Comité — em logar de junta, ou commissão.
Commandamento — em logar de commando, mandamento, mandado, preceito, ordem.
Complacente — em logar de obsequioso, attento, prasenteiro ou condescendente, indulgente, lisonjeiro.
Comportamento, comportar-se — por porte, procedimento; portar-se, proceder.
Compromelter — com a significação de arriscar, aventurar, expor a algum desar.
Conducta — com a significação de procedimento, porte, termo de proceder, vida e costumes.
Conduzir — em logar de governar-se, haver-se, proceder, portar-se.
Confinar — em logar de encantoar-se, encerrar-se, ser recluso.
Conforto — com a significação de conchego, commodo da vida.
Contar — (sobre alguma cousa ou pessoa) — em logar de confiar, estar certo, ter toda a segurança.
Côrte — com a accepção de conselho, tribunal, relação, camara.
Cotisar — é admissivel, por não haver palavra que exprima esta idéa, e por ter analogia na lingua (em quota parte, mudado o *quo* em *co*). Alguns escrevem quotisar.
Cosida — em vez de cozimento, cozedura.
Crachá — por chapa, insignia, venéra, commenda que se traz pregada ou bordada no vestido.
De — (preposição) empregada sempre ou sem discrição antes dos infinitivos é gallicismo intoleravel. Só se deve empregar quando o verbo, nome, ou adjectivo que governa o infinitivo pede este regime.
Deboche, debochar — em logar de devassidão, soltura, estragamento de costumes; corromper, depravar, induzir para o vicio, estragar os bons costumes.
Desapontado — com significação de enganado, lograma, frustrado em suas vistas ou desejos.
Descosido — com a significação figurada de desligado, solto, desatado, desconnexo, fóra do intento, não a proposito.
Desêr, desser, deserta — em logar de sobremesa, pospasto, postres.
Desespero (*estar ao* — ou *em*) — por estar inconsolavel.
Desgostante — em vez de nojoso, hediondo, asqueroso, fastidioso, que causa repugnancia.
Deshabilhado, ou *em deshabilhé* — em vez de não vestido, desataviado, sem adorno, vestido a descuido.
Desnaturalisar — no sentido figurado de aterrar, transformar, desfigurar.
Desolado — em vez de angustiado, magoado, afflicto, amargurado.
Detalhar, detalhe — significando relatar miudamente, particularisar circunstancias, referir com miudeza; relação por menor, circunstanciada, particularidade, individuação no referir os factos.
Domestico — tomado como substantivo, na significação restricta de criado, servidor, moço. Póde, porém, usar-se significando collectivamente todas as pessoas que compõem a familia de alguem, como filhos, criados, apaniguados.
Elançar-se — em vez de arremeçar-se, abalançar-se, arrojar-se, arremetter; e (fallando de monumentos, torres, etc. que se elevam muito) subir ás nuvens, ir tocar o ceo, ir topetar no ceo.
Elêve — em vez de discipulo, alumno, escholar.
Em — (particula) do seu uso indiscreto resultam muitos gallicismos intoleraveis, mórmente usada em logar de como. Fallar em philosopho, em vez de fallar como philosopho. Objecto em questão, em vez de objecto de que se trata. Pôr em facto, em vez de pôr como facto. Dizer em si mesmo, em vez de dizer comsigo mesmo.
Embellecer — é mais desculpavel que embellezar. Entretanto nem assim é admissivel com a significação de ornar, adornar, enfeitar, aformosear.
Emoção — com a significação de commoção, agitação, turbação do animo, abalo.
Empallecer — em vez de empallidecer.
Encorajar — em logar de animar, esforçar, alentar, dar animo, metter brios.
Engajar — em vez de assalariar, ajustar, contratar.
Entamado — em logar de começado, entabolado, encetado, estreado.
Entestar-se — em vez de obstinar-se, profiar, preoccupar-se, prevenir-se fortemente.
Entravar, entrave — no sentido figurado de embaraçar, empecer, pôr obstaculos; estorvo, obstaculo, embaraço, impedimento.
Entretenimento — com a significação de cuidado, despezas, para conservar alguma cousa em bom estado; conversação, conferencia.
Erigir-se em juiz — em logar de constituir-se juiz, arrogar-se essa auctoridade.
Evaporado — com a significação figurada de leve, leviano, vão, inconsiderado, voluvel.
Extracção — significando origem, nascimento.
Fanado — em vez de murchado, murcho, que perdeu a frescura.
Farpante — em logar de notavel, admiravel, insigne, illustre, conspicuo.
Fatigante — posto que derivado de fatigar, é gallicismo. Dir-se-ha melhor molesto, incómmodo, trabalhoso, afanoso; ou importuno, fastidioso.
Felicitações — em vez de parabens, congratulações.
Fereza — em logar de altiveza, orgulho.
Finanças — gallicismo só licito quando se falla de fazenda real ou nacional, das rendas publicas de França.

Formato — em logar de fórma, d'um livro, que é em folha, em quarto, em oitavo.
Formigar, formiguejar — com a significação de abundar, ser em grande numero, estar inçado.
Fortuna — em vez de riqueza, cabedaes, teres.
Fugitivas (obras, poesias) — por obras miudas, ligeiras.
Fundo — significando o principal, o mais essencial.
Fuzil — em vez de espingarda.
Fuzilar — por espingardear.
Galimatiás — em vez de palavrorio, palanfrorio, embrulho, confusão de palavras.
Gentes (de bem, frivolas, honestas — em vez de homens, pessoas.
Gestão — em logar de administração, gerencia de negocios.
Golpe de vista — por vista d'olhos, emprego d'olhos, olhada, olhar, volver d'olhos.
Governante — em vez de aia, ama, mestra.
Grande (caminho, mundo) — em logar de estrada real, gente abalisada, ou toda a sorte de gente.
Grimaças — em vez de tregeitos, momos, gestos ridiculos.
Guardar o leito, o chapeo — por estar de cama, estar com o chapeo na cabeça.
Humor — em logar de enfadamento, agastamento, máo humor.
Imbecil — como substantivo e com a designação de fatuo, nescio, sandeu, insensato, parvo.
Imbecillidade — por tolice, sandice, parvoice.
Immediações — em vez de visinhanças, arredores.
Impor — como verbo neutro, e com a significação de enganar, illudir, embair, arrogar-se qualificação que lhe não pertence.
Inabalavel — em logar de immovel, firme, estavel, constante, immudavel, invariavel.
Inconcebivel — em vez de incomprehensivel inintelligivel ou imponderavel.
Installar — em logar de constituir em cargo, em dignidade; investir, metter de posse, estabelecer.
Insurmontavel — por insuperavel, invencivel.
Interdicto — por atalhado, enleiado, suspenso.
Interprender, interpreza — com a significação de emprehender, empreza.
Irreprovavel — por irreprehensivel, incorrupto, de costumes sãos e puros.
Isolado — admissivel em physica. Fóra d'isto é melhor só, solitario, desacompanhado; ermo, apartado, desamparado.
Jaluzia — em logar de ciume, ou inveja.
Jámais — quando não tem a significação de nunca. Para sempre jámais, é gallicismo, em vez da nossa locução para todo o sempre.
Jornal — por diario.
Laxo — por fraco, cobarde, infame.
Manufactureiro — por manufacturador, fabricante.
Massacrar, massacro — em logar de matança matar cruelmente, assassinio, assassinar.
Merecer bem do paiz — em logar de ser, fazer-se benemerito da patria.
Mesmo — usado como adverbio em logar de até, tambem.
Metter — com a significação de pôr, empregar, fazer, contribuir. Metter em estado, em obra, a contribuição, são intoleraveis gallicismos.
Mobilhar — é desculpavel.
Negligé (ao) — em logar de ao desdem, a descuido, com desalinho.
Nuança — em vez de gradação ou gráos de uma mesma côr, meias tintas (na pintura); mescla, matiz que se fórma da variedade das côres, ou da differença progressiva da mesma côr.
Nullo — por inepto, de pouca conta, que de nada valle.
Nuvens (cair das) — em logar de ficar attonito, pasmado.
Obrigante — com a significação figurada de obsequioso, officioso.
Pamphleto — em logar de livrinho, folheto, papeleta.
Pânico — usado como substantivo.
Partido — significando tirar proveito, aproveitar-se.
Pela pelo — usadas erradamente dão estas palavras occasião a gallicismos intoleraveis, como: amor pelas letras, affeição pelos sabios; em logar de amor ás letras, affeição aos sabios.
Penivel, penivelmente — em logar de penoso, molesto, incómmodo trabalhoso, afanoso; que causa pena.
Pequeno — usado com os adjectivos para formar os diminutivos é gallicismo erroneo: pequeno copo, pequena flor, pequena casa, em vez de copinho, florinha, casinha. Fóra d'este caso colloca-se melhor depois do adjectivo.
Perder a cabeça — em vez de enlouquecer, tresvariar, ficar alienado, ou perder os sentidos, desmaiar.
Perecivel — em logar de perecedouro, caduco; transitorio.
Pertencente — por competente.
Pessoa — pagar de sua pessoa, em vez de affrontar os perigos.
Petimetre — em logar de peralta, peralvilho, casquilho, garrido, e talvez pedante.
(Continúa).

MOEDAS DOS REIS CATHOLICOS EM CASTELLA.

III

Os reis catholicos trataram de remediar o mal in-



troduzido na moeda; mas como isto não fosse cousa facil, porque a menor alteração feita sem judiciosas e economicas precauções póde reduzir á miseria milhares de familias remediadas, como succedeu nas muitas alterações de Henrique IV, não poderam conseguir inteiramente tornar ao seu peso e lei a alterada moeda antiga; mas coarctando aos particulares a faculdade de fabrical-a, prohibindo-o aos prateiros, e reduzindo o privilegio ás casas reaes, melhoraram a moeda nova até ao ponto de não deixarem sem lei senão os cuartos e meios cuartos, que Carlos V, a requerimento das cortes de Segovia, celebradas em 1532, mandou que se não cunhassem.

Até áquelle tempo as moedas de ouro não tiveram tamanho maior do que o que hoje tem as pecetas, e as de prata o mesmo, e d'este desciam até ao que tem os realitos de oito cuartos e meio, alterando nos seus typos, ora o busto e a cruz, ora os castellos e leões contrapostos, ora estes no reverso dividido em quatro quarteis, com o busto no anverso, a inicial do nome do rei coroada, como a letra «P» nas de D. Pedro, e «J» nas de D. João, e uma banda nas de Affonso II, em memoria da instituição d'aquella ordem, pelo que se chamou a estas moedas doblas da banda.

Filippe II reparou na desproporção que a moeda ainda tinha em quanto ao valor, e mandou que se cunhasse moeda de prata ligada, que é como hoje se faz na moeda corrente; e que, para melhor trôco e commodidade nos pagamentos, houvesse outra de maravedis, e brancas de quatro grãos de lei em cada marco, que é parte da que se chamou calderilla.



Filippe III, para que cessasse a saída da prata e do ouro que havia nas Hespanhas, mandou cunhar vellon sem lei, mas só de cobre, com valor imaginario; mas o grande peso e despeza de transportal-a causou graves damnos, motivando o premio da prata e do ouro, que eram mais faceis de conduzir. N'este reinado e nos dois que se lhe seguiram se cunharam na fabrica de Segovia as cincoentenas grandes de ouro e prata, de 3:720 reales as primeiras, e de 125 as segundas. Na bibliotheca nacional de Madrid ha bellissimos exemplares d'estas grandes moedas.

No mesmo reinado de Filippe III succederam pelas alterações da moeda disturbios e ruinas, como sempre que se toca n'este delicadissimo ponto, e não cessaram até que no reinado de Filippe IV e de Carlos II se estabeleceram leis um pouco mais fixas. As armas reaes da casa d'Austria, unidas ou enquarteladas nas hespanholas, occuparam sómente desde Filippe o formoso os reversos das moedas, até principios do seculo XVIII, em que, entrando a reinar a casa de Bourbon, as lizes tomaram o centro dos quarteis hespanhoes, que desde o principio da anterior casa reinante ostentavam todas as armas dos distinctos reinos e districtos, em que esteve dividida a Hespanha, n'um só escudo, para não tornarem a separar-se.

As divisões de partidos, ou discordias civis que a guerra de successão entre a casa de Bourbon e a de Austria no seculo XVIII produziu, influiram não só nos typos das moedas hespanholas, em que as emprezas eram com respeito ao principe a quem obedecia a cidade que cunhava a moeda, mas tambem no valor, fórma e lei das ditas moedas. Acabando, porém, a lucta com o triumpho de Filippe V, este soberano regulou o assumpto da moeda, uniformando-a no que era possivel em todo o reino: dizemos no que era possivel, porque, conservando-se alguns privilegios sobre este particular a algumas provincias, não tem sido possivel, até hoje fazer que haja uma só moeda em toda a peninsula, uniformidade que tambem se não tem podido conseguir nos pesos e medidas, havendo sido até hoje tão differentes, quantos são os reinos ou estados em que esteve dividida a Hespanha, ou pouco menos.

Se no reinado da casa de Bourbon em Hespanha se effectuaram algumas alterações na moeda, não foram tão capitaes e escandalosas como as dos reinados de Henrique IV, de Filippe III, e de outros. Em quanto aos typos não houve variações, consistindo sempre em pôr no anverso o busto do soberano reinante, com a legenda do seu nome e dignidade; e no reverso as armas de Hespanha, mais ou menos adornadas, com a legenda do dominio do rei ou extensão da monarchia hespanhola, com a data do cunho, marca da casa cunhadora, e da cidade em que estava estabelecida; isto nas de prata e nas de ouro, pois nas chamadas de vellon ou calderilla houve algumas differenças, ora para se pôr a legenda da dignidade, nome e dominio do soberano, tudo no anverso á roda do busto, e no reverso as armas antigas de Castella divididas em quatro quarteis, separadas por lizes, e dentro da coroa de louro, como hoje se faz; ora por se seguir a ordem antiga de se pôr o castello no anverso, e o leão no reverso, como nos cuartos segovianos, etc.

O que até aqui temos dito parece-nos sufficiente para dar idéa succinta da historia numismatica de Castella, pelo que respeita á moeda que desde a sua origem até hoje tem estado na sua circulação commercial. Quem quizer noticias mais largas sobre tal objecto póde consultar as seguintes obras hespanholas, escriptas mais de espaço, e não sem critica.

De las medallas desconocidas de España, por D. Luiz Velasquez, Madrid 1752.

De las de colonias y municipios, por el P. Enrique Florez.

De las godas, por D. Luiz Velasquez, Malaga 1759.

Del valor, peso y ley de las monedas antiguas españolas, por Sebastian Gonzalez de Castro, Madrid 1658.

De las monedas que corrian en tiempo de Enrique III *y* IV, por el P. Licinio Saez, Madrid 1796 fl.

Defensorio de las monedas de oro y plata de España y de las dobradas desde 1700 *á* 1746, por D. Vicente Campos y Gonzalez, Madrid 1759.

Medallas de las colonias y municipios de España, por D. Antonio Valcarcel, Valencia 1773.

Escrutinio de maravedises y monedas antiguas de España, por D. Pedro de Cantos Benites, Madrid 1763.

Museo de las medallas desconocidas españolas, por D. Vicente Juan de Lastanosa. Huesca 1645.

Tratado de la moneda jaquesa y de otras de Aragon y Zaragoza, por D. V. J. de Lastanosa. 1681,

Norte fijo y prontuario para entender el valor de las monedas usuales españolas y menudas para reducirlas entre si á las de los demas reynos, por D. José Ignacio Aparici, Madrid 1741.

Prontuario de medallas conocidas de colonias y municipios de España, por D. Juan Francisco Ruberti, Ms.

Monedas de los reyes de España desde Filippe II *á Carlos* III (só em laminas), Madrid 1817.

Declaracion del valor de las monedas antiguas de plata de Castilla y Aragon, por D. Sebastian Gonzalez de Castro, Madrid 1658.

Todas estas obras bastariam para fazer uma historia racional e utilissima da numismatica hespanhola, particularmente no que respeita a Castella, com tanto que o que emprehendesse tão penoso trabalho, não só reunisse todos os colleccionistas d'estes monumentos, mas investigasse tambem os monetarios publicos, para ver por si muitas moedas ineditas, que não se citam n'aquellas obras; consultando tambem as leis sobre a moeda, as actas de cortes e documentos publicos que não tiveram presentes aquelles escriptores, e pelo que incorreram em muitos erros; propondo-se, sobre tudo, a comparação dos valores das moedas antigas com as correntes, trabalho interessantissimo e necessario na nossa legislação, para, em assumptos d'esta especie, administrar com rectidão justiça nos tribunaes.

Concluindo, devemos declarar, que ao infatigavel escriptor D. Basilio Sebastian Castellanos de Losada devemos o trabalho que sobre as moedas de Castella aqui temos vulgarisado.

Explicação do enigma do numero antecedente.

O amor tem rosas na cabeça e espinhos nos pés.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão, rua da Boa-Vista, 4 P.